



PUC-Rio

Centro de Ciências Sociais
Geografia e Meio Ambiente

Uma experiência audiovisual no Museu Vivo do São Bento 

Memória e A-ressignificação do território em Duque de Caxias, RJ ~~luta por um lugar de memória.~~

Formatado: À esquerda

2009.1

Disciplina

Monografia

Orientador

Leonardo dos Passos Miranda Name

Possíveis convidados a compor a banca

Monica Sampaio Machado

Bianca Freire

Autor

Pedro Sol de Abreu Nunes

Índice

1. Resumo	. 03
2. Abstract	. 03
3. Apresentação	. 04
4. Perceber e vivenciar um lugar de memória	. 05

5. A experiência audiovisual como metodologia da videogeografia	. 08
6. Um museu de percurso	. 16
7. Rugosidades espaciais	. 20
8. Territórios e territorialidades	. 25
9. Uma estória de empoderamento social e desassujeitamento	. 30
10. Referências bibliográficas	. 35

1. Resumo

Através de uma visita guiada ao Museu Vivo do São Bento, em Duque de Caxias, buscamos estabelecer relações entre a percepção da paisagem e as representações do lugar. O museu de percurso, que reúne, num trajeto definido, prédios e resquícios arqueológicos, revela fragmentos de momentos históricos distintos, sobrepostos pela realidade atual. Um terreno fértil ao estudo das rugosidades da cidade que instigam diferentes interpretações das modificações impressas na paisagem. O uso de novas tecnologias digitais de registro audiovisual como instrumento metodológico de pesquisa permite o registro da voz dos diversos atores numa dimensão espaço temporal durante a experiência do percurso. Uma vivência que nos revela o poder que o entendimento dos processos constitutivos da paisagem tem sobre o comportamento que rege o uso e a construção do espaço.

2. Abstract

Through a guided visit to the Living Museum of São Bento, in Duque de Caxias, we establish relationships between the perception of the landscape and the representation of place. The museum of course, which meets in a defined path, buildings and archaeological remains, shows fragments of different historical moments, over the current reality. Fertile ground to study the roughness of the city that incite different interpretations of

the amendments printed in the landscape. The use of new digital technologies as an audiovisual record of research methodology, allows an analysis made of experience. An experience that shows us the power that the understanding of the processes constituting the landscape has on the behavior that governs the use and construction of space.

3. Apresentação

Esta pesquisa tem dois eixos condutores, sendo um relacionado com o objeto a ser estudado e outro que faz referência à metodologia implementada. Em ambos os casos a opção do recorte ou da abordagem reflete a visão parcial do pesquisador. Partindo desse pressuposto considero importante destacar alguns aspectos do contexto de vida no qual se insere, relacionando-os com os pontos de vista destacados no texto.

O autor defende nesta monografia um diálogo interdisciplinar entre sua formação técnica de cineasta com o bacharelado em Ggeografia, para tanto propondo oe a aplicação de uma metodologia centrada na exploração da linguagem audiovisual. Esta proposta se apóia na idéia de que a paisagem, assim como o espaço, são textos que podem ser lidos e interpretados de diferentes maneiras por diferentes olhares.

Pretende assim reunir as ferramentas de geógrafo e cineasta para reorganizar a noção simbólica do espaço e do tempo que existe por trás de um discurso e como explorar as possibilidades técnicas do audiovisual, dando voz aos diversos atores e agentes proponentes de um museu de percurso em Duque de Caxias.

Por sua vez, a escolha deste projeto, o Museu Vivo do São Bento, como objeto de análise, é justificada pela atuação do pesquisador no Projeto Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro, uma parceria entre o Programa de Pós-Graduação Departamento de Memória Social da UNIRIO e o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Ela reflete o interesse na aplicação da metodologia em um estudo de caso capaz de revelar nuances da relação

com o uso do espaço e diferentes aspectos da geografia local que podem ser descritos através da linguagem audiovisual.

Assim o cinema pode ser apropriado pela geografia ao mesmo tempo em que a geografia se deixa apropriar pelo cinema ~~o~~ em num casamento em que os dois se nutrem mutuamente. O filme passa a ser entendido como uma grafia da terra, capaz de abarcar diferentes escalas, interpretações distintas e múltiplos discursos.

Essa metodologia de pesquisa que iremos denominar videogeografia será então aplicada neste estudo de caso e suas repercussões no âmbito do local compõem o tema desta monografia.

4. Perceber e vivenciar um lugar de memória

O estudo da paisagem, nas suas mais distintas formas, nos permite reconhecer dinâmicas processuais constitutivas ~~que a constituem~~, bem como ~~além de~~ destacar ~~permitir destacar~~ a influência da própria paisagem, com seus símbolos e signos, na formulação da cultura. Como assinala James Duncan,

“Embora as paisagens tenham sido tradicionalmente reconhecidas como reflexos da cultura dentro da qual foram construídas, ou como uma espécie de indícios produzindo “rastros” de artefatos relacionados a acontecimentos do passado, especialmente de difusão, só raramente elas foram reconhecidas como elementos constituintes na evolução dos processos sociopolíticos de reprodução e transformação cultural.” (DUNCAN, James ano?)

A presente pesquisa ~~se insere~~ se pois nesta busca de questionamentos ou caminhos investigativos concernentes ao estudo da paisagem, a partir da ~~visa a~~ experimentação ~~de~~ uma metodologia alternativa de coleta de informações sobre a percepção da paisagem. Para isso, fazemos uso de tecnologias contemporâneas de registro audiovisual, computação gráfica e edição de imagens. Esses recursos, no estudo de caso proposto, ilustram o discurso da patrimonialização de símbolos paisagísticos, da valorização ~~de~~ resgate ~~histórica~~ e ~~arqueológica~~ que sinaliza ~~as~~ superposições ~~de~~ camadas historiográficas, denominadas rugosidades espaciais. O geógrafo

Milton Santos em texto sobre o estudo da paisagem já chamava a atenção para este tema. (citar o texto completo...)

“O estudo da paisagem pode ser assimilado a uma escavação arqueológica. Em qualquer ponto do tempo, a paisagem consiste em camadas de formas provenientes de seus tempos pregressos, embora estes possam ter sofrido mudanças drásticas (...) Assim, se a forma é propriamente um resultado, ela é também fator social”. (SANTOS, 1992)

Através de uma visita guiada ao Museu Vivo do São Bento, em Duque de Caxias, buscamos estabelecer relações entre a percepção da paisagem e as representações do lugar, ~~o qual é aqui~~ entendido aqui como o território da vivência e da experiência.

A interpretação da percepção da paisagem pelo vivente muitas vezes, além de ser importante como geração de questionamentos e instigar o (re)conhecimento das identidades, é fundamental para o pesquisador entender as dinâmicas espaciais do local. O olhar social do espaço frequentemente é institucionalizado por este ou outro grupo, o que revela a origem das ações relacionadas àquele ambiente.

~~Para Bourdieu o poder simbólico das coisas pode ser descrito como o “poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1998).~~

~~“O poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está “no poder” estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder, desaparece, “o seu poder” também desaparece. (...) O poder não carece de justificativas, no entanto, demanda legitimidade. (...) Politicamente falando, é insuficiente dizer não serem o poder e a violência a mesma coisa. O poder e a violência se opõem: onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente.” (ARENDT, 1985. In: SOUZA, 1995)~~

A percepção da dimensão histórica das formas da paisagem torna-se um meio de conhecimento e valorização do patrimônio cultural e histórico, permitindo estabelecer um estudo relacional entre o meio físico e a ação antrópica que permite perceber a estrutura da paisagem, contribuindo para uma sensibilização ao entendimento da evolução desta ao longo do tempo.

O Museu de São Bento se diferencia por sua proposta de museu ao ar livre que congrega informações históricas construídas e sobrepostas no espaço. As rugosidades presentes no espaço são facilmente detectáveis, a exemplo do ~~o~~ contraste físico paradoxal que representa a ocupação através de favelização sobre um morrote originado pelo acúmulo dos restos alimentares e mortais de populações pré-históricas brasileiras, os sambaquis. Estes locais guardam um vasto número de informações arqueológicas desta civilização antiga e agora é ocupado por comunidades que ignoram essa memória histórica.

~~A partir da experiência guiada pelo percurso museológico proposto podemos visualizar as marcas do envelhecimento deixado pelo passado na cidade que ainda interagem com o presente.~~ Assim, podemos perceber as diferentes modificações empreendidas pelo uso do espaço urbano ao longo do tempo. No entanto essa percepção só é possível graças à transmissão do saber ~~de~~ pesquisadores e historiadores que atuam como proponentes e guias do percurso. É justamente esse processo que transforma o museu num espaço de aprendizagem, no qual os guardiões de uma memória ofuscada trabalham para evidenciá-la e torná-la pública.

A presente pesquisa busca reconhecer a partir do percurso as relações da interação entre memória, cidade, sociedade e cultura. Essas relações que começaram ser estudadas pela Geografia Cultural, e também por outras áreas de conhecimento ~~assim como vem sendo destrinchadas por outras ciências~~ como a Antropologia Cultural, buscam estabelecer novos parâmetros ao estudo e análise da paisagem.

Devemos destacar que o embasamento contextual deste trabalho se distancia em diversos aspectos daqueles que, motivados pela psicologia social, concentraram seus esforços na classificação de padrões comportamentais. Este trabalho, numa perspectiva diversa ~~a seu momento~~, objetiva o entendimento de como a visão contextualizada modifica a atuação

do vivente em relação a seu entorno e resgata a noção de pertencimento ao lugar.

O Museu Vivo do São Bento nos permite entender a história da cidade de Duque de Caxias e da região de Iguassú incrementando nossa compreensão do presente.

A vivência proposta é conduzida por pesquisadores, historiadores e professores, em sua maioria moradores da região que por frequentarem regularmente o bairro estabeleceram uma concepção própria da memória local, a qual culminou com a idéia do museu. ~~Formados na militância~~ ~~Vindo, em sua maioria,~~ de movimentos sociais, tais como associações de moradores ou grupos de mulheres, o grupo empreende uma busca por ~~maior~~ empoderamento social e por uma participação ativa na construção da memória local.

O percurso ~~resgata~~ apresenta fragmentos simbólicos de uma história ofuscada e marginalizada, que são ressignificados a partir de uma pesquisa histórica sobre diferentes ocupações da região ~~criando novos significados~~. O coletivo organizado atua de forma consciente intervindo na paisagem, de modo a construir uma matriz simbólica capaz de proporcionar a valorização da auto-~~estima~~ na população, além de fortalecer o sentimento de pertencimento e de participação na história.

Analisar estas relações a partir de um encontro pontual com ~~esses~~ agentes de transformação social ~~pessoas~~, que nos instigaram a imergir num percurso idealizado, registrado em audiovisual com o uso de tecnologias digitais contemporâneas e entender como esses agentes ~~elas~~ interferem ~~fluenciam~~ na realidade construindo um discurso de preservação da memória local, são objetivos dessa monografia.

5. A experiência audiovisual como metodologia da videogeografia

O desenvolvimento do pensamento científico, a comprovação de hipóteses e a formulação de teorias que descrevem discursos e ideologias,

aliada à sua ramificação tecnológica na sociedade produziram não somente uma nova organização social que se reflete no espaço, mas originou certamente novas racionalidades, novos paradigmas, segundo os quais o conhecimento tecnicocientífico passou a determinar as ações humanas e, conseqüentemente, suas repercussões no espaço.

“Essa ciência elucidativa, enriquecedora, conquistadora e triunfante, apresenta-nos, cada vez mais, problemas graves que se referem ao conhecimento que produz, à ação que determina, à sociedade que transforma. Esse conhecimento vivo é o mesmo que produziu a ameaça do aniquilamento da humanidade.” (MORIN, Edgar. 2003)

Muito das críticas que se fazem à racionalidade cientificista está associado aos inconvenientes da superespecialização e a rigorosa separação entre as ciências da natureza e as chamadas ciências do homem. Para Edgar Morin a acentuada especialização faz com que o próprio especialista torne-se ignorante de tudo aquilo que não concerne a sua disciplina e o não-especialista renuncie prematuramente a toda possibilidade de refletir sobre o mundo, a vida e a sociedade, deixando esse cuidado aos cientistas.’

Como resultado da expansão e afirmação da ciência no mundo contemporâneo temos ‘o progresso inédito dos conhecimentos científicos, paralelamente ao progresso múltiplo da ignorância.’

“Kuhn traz outra idéia, não menos importante: é que se produzem transformações revolucionárias na evolução científica, em que um paradigma, princípio maior que controla as visões do mundo, desaba pra dar lugar a um novo paradigma. O progresso das certezas científicas produz, portanto, o progresso da incerteza, uma incerteza “boa”, entretanto, que nos liberta de uma ilusão ingênua e nos desperta de um sonho lendário: é uma ignorância que se reconhece como ignorância. E, assim, tanto as ignorâncias como os conhecimentos provenientes do progresso científico trazem um esclarecimento insubstituível aos problemas fundamentais ditos filosóficos.” (MORIN, Edgar.)

As reflexões apresentadas nos colocam diante da busca de um diálogo mais intenso entre as disciplinas no intuito de superar a superespecialização e iniciar a construção de um saber científico holístico e transdisciplinar.

“A geografia da percepção e do comportamento (...) vem do fato de que cada indivíduo tem uma maneira específica de apreender o espaço, mas também de o avaliar. (...) Esse espaço social seria definido pelos lugares que lhe são familiares e as parcelas de território que ele deve percorrer entre estes diferentes lugares. (...) A geografia do comportamento vai ainda mais longe, porque se fundamenta no princípio mesmo da existência de uma escala espacial própria a cada indivíduo e também de

um significado particular para cada homem, de porções do espaço que lhe é dado freqüentar, não apenas em sua vida cotidiana mas ainda durante lapsos de tempo mais importantes.” (SANTOS, Milton. 1978)

A proposição de Milton Santos, quando apresenta as características da geografia da percepção e do comportamento é, como mencionado por ela no recorte apresentado acima, o reflexo do diálogo desta disciplina com outras disciplinas que costumam pensar o homem com seus valores culturais e sociais, ou ainda na sua dimensão individual, subjetiva e psicológica, contrapondo-se a abordagem reducionista de muitas análises que o viam, e ainda o vêem, apenas como um ser econômico ou um dado quantitativo.

Segundo Sandra Lecioni, “a intencionalidade da consciência” é considerada chave por se referir à relação entre os atos da consciência, os objetos e a como esses objetos aparecem na consciência. Para ela, é pelo vivido, ou melhor, ‘é através do percebido e não do concebido que o indivíduo se põe em contato com o mundo dos objetos exteriores’.

A incorporação da subjetividade desses sujeitos (ou agentes) na análise geográfica pode ser considerada inovadora e até mesmo revolucionária para a geografia que até então apresentava como sua interrogação básica ‘em termos comportamentais aquela que diz respeito a como o homem era condicionado pelo meio.’

Essa inovação possibilitou a produção de trabalhos geográficos que passaram a discutir ‘o comportamento do homem ante a natureza, a percepção da natureza e da paisagem urbana, assim como dos espaços do medo e do ódio, incorporando à análise geográfica a dimensão psicológica.’

“É importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço. (...) A partir da percepção do espaço, e no âmbito dessa percepção, os homens elaboram imagens acerca desse espaço. Buscando compreender como se processa o sentimento que os homens tem de pertencer a uma dada região. Sentimento que emana do interior e do íntimo das pessoas.” (LECIONI, Sandra. 2003)

Essa compreensão do sentimento de pertencimento a dada região e da subjetivação da percepção da paisagem e do espaço vivido propicia uma reviravolta nos conceitos temáticos da geografia. Juntamente com o entendimento fenomenológico dos objetos de estudo da disciplina, aliado ao entendimento do caráter transescalar e do princípio de complexidade destes

fenômenos precipitam a geografia rumo a uma reflexão conceitual e filosófica de seus princípios norteadores.

A antropologia, por sua vez, gera questionamentos que devem, também, ser apropriados pelos geógrafos em seus estudos sobre a territorialidade e o sentido de pertencimento a um lugar ou região. Como enfoque central talvez devêssemos atentar para a tendência ao etnocentrismo e a um entendimento dos acontecimentos históricos sob julgamento de um olhar contemporâneo, carregado de idealizações do tempo pretérito.

“É preciso destacar a influência da fenomenologia e do marxismo que, de diferentes maneiras, acentuaram a preocupação com o caráter social da Geografia e conduziram a construção de novos parâmetros ao estudo regional.

A fenomenologia foi concebida por Edmund Husserl e se constitui numa corrente filosófica que considera os objetos como fenômenos, os quais devem ser analisados como aparecem na consciência.” (LECIONI, Sandra. 2003)

A geografia de influencia fenomenológica revelou aspectos importantes para a análise regional ao colocar em cena a discussão do percebido e do vivido. Esse pensamento foi de encontro a idéia de neutralidade científica e, juntamente com a teoria crítica, desenvolveu o argumento de que o pesquisador desenvolve seu trabalho imbuído de seus valores e de sua interpretação da realidade.

Outra contribuição não menos relevante por parte da fenomenologia está na base de seu conceito formulador, capaz de entender os objetos como fenômenos. Essa percepção, essa compreensão, é nova e fundamental. Entender os objetos como resultados de um processo histórico, como fruto de um fluxo energético, econômico e ecológico ainda e em permanente processo é como entender o instante $T=0$ expresso pelos físicos como algo inconcebível, incalculável, improvável.

Entender o mundo dessa forma é perceber que estamos assistindo a um filme onde as imagens se sucedem ininterruptamente e apesar da técnica nos permitir pausar este filme para uma análise aprofundada de determinada imagem, ou fotografia da realidade, não podemos desconectá-la do todo pois seria descaracterizar todo o seu sentido de existência.

Na história do cinema a montagem pode refletir a visão dualista do mundo, onde o resultado do choque entre planos é o ponto fundamental e não as imagens isoladas por si só.

“Utilizando os termos originais da dialética hegeliana e da marxista, os dois primeiros planos, enquanto tese e antítese respectiva, originam uma síntese, criada individualmente na mente do espectador.

Tudo isto seria aplicado mediante as características específicas de cada plano, tendo em vista adquirir impacto junto do espectador, baseado na idéia filosófica de que a existência só pode continuar se houver mudança constante e de que tudo no mundo está num estado temporário até atingir a próxima ruptura (dialética).” (EISENSTEIN, Sergei.)

“A chamada geografia da percepção limitou-se a aprofundar a análise das percepções dos objetos geográficos, cobrindo-se na justificação de que as percepções são também dados objetivos, mas esqueceu de levar em conta duas coisas. De um lado, a percepção individual não é o conhecimento (...) de outro lado, a simples apreensão da coisa, por seu aspecto ou sua estrutura externa, nos dá o objeto em si mesmo, o que ele apresenta mas não o que ele representa. (...) Como W. Kaufmann escreveu (1966) os partidários do conhecimento imediato sofrem de amnésia: o que eles alegam conhecer de imediato é, de fato, imediatizado por um processo histórico bem longo. O que agora aparece como auto-evidente, não era óbvio no passado e o que parece simples é, na realidade, o resultado de um completo desenvolvimento ‘enterrado em simplicidade’.” (SANTOS, Milton. 1978)

Ainda segundo Milton Santos, a chamada geografia do comportamento se baseia na idéia de que os comportamentos individuais são o resultado de volições (processo cognitivo pelo qual um indivíduo se decide a praticar uma ação) e decisões pessoais, individuais e de que são esses comportamentos pessoais que contribuem para modelar o espaço.

“Existe aí uma tentativa de considerar a liberdade humana como absoluta e não como condicionada. O que constitui um ideal ou mesmo um objetivo a atingir, o do homem inteiramente livre em uma sociedade de homens livres, é tomado como se já fosse uma realidade. (...) Quando o indivíduo, exercitando o que lhe cabe de liberdade individual, contribui para o movimento social, a práxis individual pode influenciar o movimento do espaço.” (SANTOS, Milton.)

Essa visão libertária da geografia do comportamento contribui de modo singular na elaboração de uma visão de mundo integradora capaz de propiciar autonomia aos indivíduos na construção do espaço vivido e nas transformações da realidade, com consciência e de maneira propositiva.

A medida que o homem perceber seu potencial manipulador do meio e a responsabilidade por trás desta potência, a medida que a humanidade tomar pra si, nas escalas local e regional, no âmbito da comunidade que se expressa através do movimento social incentivado pela ação exemplar do indivíduo, teremos a possibilidade de viver em harmonia com a sociedade, transformando-a na mesma medida em que somos influenciados e corrompidos por sua influência. A utopia por trás desta idéia vem superar o ideal marxista, segundo o qual essa revolução seria possível através da mobilização das massas, onde o homem permanece visto como número, segundo um enfoque quantitativo, econômico, que resulta em ações que dependem diretamente de propostas governamentais capazes de articular o coletivo homogêneo e simplista em torno de uma ação.

O marxismo, aparece apresentado por Sandra Lecioni, que cita em seu discurso idéias defendidas por José de Souza Martins a cerca da 'invasão do ambiente acadêmico por versões simplificadas e ideologizadas do pensamento de Marx'. Para ela o marxismo seria o sucessor legítimo do que de melhor criou a humanidade no século XIX: a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês.

“O fundamento filosófico do marxismo está ancorado no idealismo alemão, em particular na dialética hegeliana e no materialismo de Ludwig Feuerbach. A partir da filosofia alemã o marxismo desenvolveu o materialismo dialético. (...) O fundamento econômico do marxismo está assentado na crítica à economia política clássica, em particular em Adam Smith e em David Ricardo, que discutíramos fatores da riqueza econômica e viram no maquinismo e na divisão do trabalho a causa da ampliação do enriquecimento social. A partir dessa crítica, Marx superou os economistas da época que não examinavam a mais-valia em sua forma pura, limitando-se à análise das formas especiais de lucro e renda.” (LECIONI, Sandra. 2003)

A visão de Sandra pode ser aceita como uma verdade inquestionável, científica, porém deve ser questionada a partir da ótica proposta neste trabalho, que propõe a valorização da percepção e da subjetividade. Nesse sentido, não podemos continuar analisando as correntes de pensamento como idéias estanques às quais vão se somando, progressivamente, novas idéias e conceitos. Gosto de como Edgar Morin apresenta o conhecimento científico e o gosto está diretamente associado a minha percepção enquanto pesquisador das idéias que me são apresentadas.

“O dogma é inatacável pela experiência. A teoria científica é biodegradável. (...) A ciência não controla sua própria estrutura de pensamento. O conhecimento científico é um conhecimento que não se conhece.” (MORIN, Edgar. 2003)

A degradabilidade da ciência traz a possibilidade de múltiplas interpretações de um assunto, um texto, um autor ou uma corrente filosófica cria embates científicos capazes de tornar verdade idéias opostas e antagonicas. Essa é a magia da ciência que é viva como a natureza, seu objeto de estudo, onde nada se cria, nada se perde e tudo se transforma.

Procurando refletir ainda sobre essa influência do cientista sobre a ciência e dela para a sociedade podemos concordar com Edgar quando ele afirma que ‘a técnica produzida pelas ciências transforma a sociedade, mas também, retroativamente, a sociedade tecnologizada transforma a própria ciência’.

Por outro lado a ciência esteve sempre disposta a evitar essa reflexão, talvez para se eximir da responsabilidade ética de agir pelo bem estar social, de propor as transformações necessárias para a sociedade e, principalmente, de participar ativamente da gestão dos espaços de vida.

“A eliminação por princípio do sujeito observador, experimentador e concebedor da observação, da experimentação e da concepção eliminou o ator real, o cientista, homem, intelectual, universitário, espírito incluído numa cultura, numa sociedade, numa história. (...) A ciência está no âmago da sociedade e, embora bastante distinta dessa sociedade, é inseparável dela, isso significa que todas as ciências, incluindo as físicas e biológicas, são sociais.” (MORIN, Edgar. 2003)

O que é possível perceber através da exposição destas reflexões é a existência de uma tendência norteadora que vem despertando nos cientistas e nos homens de uma maneira geral a busca de um conhecimento holístico integrador capaz de harmonizar o desenvolvimento tecnológico com os progressos conseguidos através da superespecialização, construindo assim a prática do diálogo interdisciplinar.

É aí que o geógrafo pode atuar de modo a contribuir na elaboração de projetos que promovam esses diálogos e que fomentem as práticas ditas interdisciplinares. A geografia, apesar de também ter buscado uma especialização cada vez mais acentuada, é por natureza holística. Ela deve buscar a afirmação dessa característica através da união entre suas pesquisas no âmbito das ciências naturais com aquelas relacionadas as

ciências humanas. Até porque toda e qualquer afirmação baseada numa visão parcial da realidade contem em si o equívoco da inobservância de suas relações com os aspectos ignorados.

Esperamos com este estudo a proposição de uma metodologia de inserção de ferramentas audiovisuais e outras possibilidades artísticas, como estímulo a novas formas de se fazer pesquisa, que dialoguem com o momento atual e sejam capazes de lançar os conhecimentos produzidos no âmbito acadêmico para a sociedade através de linguagens que transcendam o texto escrito.

Acreditamos que estas ferramentas permitem uma melhor compreensão e relato das transformações que ocorrem na paisagem, assim como nos revela um olhar mais aprofundado e intimista do local pesquisado.

O audiovisual é uma ferramenta extremamente capaz de transformar os hábitos, incentivando novas atitudes que resultam de uma ampla compreensão das questões ambientais locais. Isso demonstra que a ação proposta inicialmente conseguiu atingir seu objetivo de ser uma potente ferramenta para a pesquisa de um modo geral. Trata-se de um projeto político-pedagógico que esperamos ter o efeito de incentivar a adesão ao uso dessa ferramenta.

O potencial transformador do audiovisual não está associado apenas ao uso de novas tecnologias para o registro de imagem e som, mas a todo o processo a ele associado. No caso específico desta proposta metodológica, a experiência audiovisual durante uma visita conduzida pelo grupo proponente de um museu de percurso.

No âmbito da produção do conhecimento científico é importante destacar algumas características diferenciais da aplicação desta metodologia. A realização de uma filmagem, seja para o registro de uma entrevista ou de imagens simbólicas, permite uma percepção de múltiplas escalas do que é registrado. Inicialmente e talvez mais evidentemente, é capaz de fixar um instante, uma fotografia, que permite uma análise mais detalhada do objeto em questão. Outro aspecto é a capacidade de organizar estas fotografias em seqüências temporais que possibilitam o entendimento de processos que ocorrem ao longo do tempo.

Ainda é válido ressaltar a idéia de que um registro das atitudes, dos hábitos e da vida de pessoas, tem uma característica etnográfica e antropológica, além de revelar traços psicológicos, culturais e estéticos de uma população ou comunidade.

Pudemos perceber com clareza, e acreditamos estar nítido no filme 'Um museu de percurso', produto desta pesquisa, que cada um vê e percebe o mundo de uma forma particular.

O próprio conceito de paisagem torna-se relativo, podendo ser re-significado segundo o olhar e o entendimento de cada pessoa. Em alguns casos a ignorância da história da formação da paisagem local é confrontada por uma visão que transmite um entendimento multiescalar e atemporal da composição. Embora esse entendimento possa ser adquirido através de pesquisas e estudos científicos, também pode ser experimentado

É nesse cenário que a aplicação da metodologia que aqui propomos se destaca pelo potencial técnico-científico integrado às questões humanas de um modo geral, permitindo ao pesquisador uma compreensão holística abrangente capaz de evidenciar as diferentes conexões entre as problemáticas ambientais, sociais, econômicas e culturais.

Essas relações são fundamentais para o desenvolvimento e aplicação de projetos de gestão do território que possam contemplar os desejos da população local e as demandas reais de desenvolvimento, tendo como centro das ações transformadoras os anseios reais da população diretamente afetada por tal intervenção.

6. Um Museu de Percurso

Quinta feira, cinco de março de 2009, a equipe do projeto Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pelo Departamento Programa de Pós Graduação em Memória Social, da UNIRIO, em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) inicia uma série de visitas a museus do Estado do Rio de Janeiro para a confecção de um mapa, a redação de um livro e a edição de um documentário com divulgação via internet destacando os principais aspectos da geografia da memória de cada região administrativa do estado.

A equipe formada por professores, pesquisadores e alunos das duas instituições segue de microônibus em direção ao município vizinho, Duque de Caxias, onde com o objetivo de documentar a instalação o Museu Vivo do São Bento, uma proposta inovadora de trabalho com a memória onde alguns prédios e algumas referências históricas do bairro do São Bento vêm sendo recuperados e revitalizados por um grupo local visando a formação de um museu de percurso. A equipe do projeto Panorama Museal do Estado do RJ vem utilizando como metodologia de trabalho a documentação em audiovisual de todo o processo. Para isto são utilizadas vem sendo pleiteada por outro grupo de professores, cuja proposta é recuperar e refuncionalizar alguns prédios simbólicos do bairro do São Bento, formando o que seria um museu de percurso. A equipe documenta todo o percurso com o uso de três câmeras digitais, sendo duas filmadoras e uma fotográfica.

, enquanto os pesquisadores interrogam os professores historiadores proponentes que apresentam a idéia da construção do museu e o conceito por trás da proposta de um museu vivo, processual.

O ponto de encontro marcado pela equipe do projeto com a equipe do museu é uma escola municipal na entrada do bairro do São Bento, de onde pretende-se partir para a visita ao museu de percurso. Ao chegarmos nos deparamos com um espaço que contrasta com a aridez do trajeto. A escola localiza-se em prédios bastante antigos e térreos cercados por muitas árvores, vestígios de um outro tempo que permaneceu, tempo das primeiras escolas públicas construídas no bairro. Chegamos provavelmente na exata

hora do recreio e é grande a algazarra no pátio. Somos recebidos por um grupo de professores e de pesquisadores locais, a maior parte historiadores, todos muito atuantes em escolas da região. Eles nos revelam que trabalham juntos há muitos anos e que integraram durante longo período o corpo docente de uma das únicas Faculdades da região, a FEUDUC (Faculdade...), uma Faculdade privada que lá se instalou em Trabalhando com a história do Brasil e ativos militantes políticos, eles perceberam muito cedo a importância de fazer um trabalho de revitalização da história da própria região, uma vez que toda aquela área vinha sofrendo contínuo processo de decadência e de desvalorização. O importante para eles era encontrar um meio de construir para os alunos e moradores do entorno da Faculdade uma visão positiva do lugar onde moravam e estudavam criando um vínculo mínimo capaz de fazer brotar uma auto-estima da população com relação ao espaço por eles ocupado. Foi assim que eles tiveram a idéia de pesquisar sobre a região e encontrar vestígios que possibilitassem a construção de um percurso que revalorizasse para seus alunos e para a população local a história da região e do município de Duque de Caxias. O grupo criou o Centro de Pesquisa do Patrimônio Histórico ... (CRPH) com o objetivo de sediar a pesquisa sobre a região. Deste Centro surgiu a proposta de criar um percurso de visitação que eles denominaram de Museu Vivo do São Bento.

O percurso concebido ~~caminho idealizado~~ é extremamente serve para revelar ~~de~~ de uma longa cronologia histórica daquela localidade ~~deixando~~ entrever marcas, vestígios ~~resgatando~~ inscrições deixadas por diferentes períodos da história de ocupação humana na paisagem.

Estamos no portal de entrada que fora casa do administrador do Núcleo Colonial São Bento e atualmente é ocupada pelas instalações da FEUDUC (Faculdade de ...), onde podemos ouvir as explicações da professora e historiadora Marlúcia Santos de Souza. Ela nos explica que ali outrora localizavam-se ~~estamos~~ nas cercanias da antiga fazenda do Aguassú originária da doação de sesmaria a Cristóvão Monteiro, a qual expandia seus domínios territoriais para além dos limites do atual município de Duque de Caxias, influenciando na gestão territorial de partes significativas de municípios vizinhos.

“O povoamento da região data do século XVI, quando foram doadas sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro. Em 1568, Brás Cubas, provedor da Fazenda Real e das capitanias de São Vicente e Santo Amaro recebeu, em doação de sesmaria, 3.000 braças de terras de testada para o mar e 9.000 braças de terras de fundo para o rio Meriti, ou mais propriamente “Miriti”, cortando o piaçabal da aldeia Jacotinga. Outro dos agraciados foi Cristóvão Monteiro que recebeu terras às margens do rio Iguazu.”

(<http://www.novavidacaxias.com.br/?s=sesmaria>)

A professora nos explica que muitos séculos depois, já Em 1932, esta mesma área foi destinada pelo governo federal, quando Getúlio Vargas ocupava a Presidência da República~~época do governo de Getúlio Vargas,~~ para a consolidação do Núcleo Colonial São Bento, que era dividido em sete Glebas onde os colonos produziam laranja, banana, mandioca, cana, quiabo, tomate, e hortaliças. Criavam-se ainda aves, porcos, abelha e gado, enquanto se fabricava farinha e pólvora. O administrador do Núcleo era quem controlava a entrada e a saída das pessoas do núcleo colonial, além de ser o responsável pelo registro de casamentos, óbitos e nascimentos. Podia ser considerado um misto de prefeito com tabelião local, com amplos poderes e considerável ingerência sobre a vida dos colonos.

Andando um pouco mais, podemos observar a paisagem composta por um pequeno canal fétido que serpenteia entre os desníveis topográficos de um gramado ressecado pelo sol, que serve de alimento a um cavalo. O animal está no canto direito do campo de visão enquanto no outro oposto vemos um galpão trazendo na fachada um faixa estendida com os dizeres: Moto Clube Veneno da Cobra. A historiadora nos explica que aquele galpão, onde hoje se instalou uma associação de motoqueiros, data dos anos trinta e integrava o núcleo colonial servindo ao armazenamento de produtos e~~Trata-se de outra tulha, utilizada~~ também como moradia para uma família de colonos, e adquirida então pela organização de motoqueiros.

A historiadora Marluce Santos afirma sinaliza ainda que esse pequeno canal hoje completamente deteriorado e assoriado (?) era um braço importante do rio Iguassú formandoe formava, juntamente com outros rios e

córregos da região, uma enorme rede de transportes utilizada inclusive por quilombolas. Ainda diante desta fotografia espacial ela nos remete a tempos imemoriais quando a área era território de povos sambaqueiros e ~~foi~~ ocupado por índios Tupinambás.

Mais adiante, ~~Marluce~~ nossa guia nos ~~leva até as ruínas~~ ~~mostra agora~~ a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Cor, construída em 1645 como Capela Nossa Senhora do Aguassú das Candeias pelas mãos da Ordem de São Bento que controlavam a fazenda desde a morte do Ouvidor-mor Cristóvão Monteiro em 1591. O sobrado que vemos já teria sido construído mais tarde, ~~já~~ no século XVIII, ~~na~~ estilo barroco, ~~viria~~ ~~a~~ ~~servir~~ como alojamento para os beneditinos, com biblioteca, refeitório, quartos, espaço para estudos, corredores e varandão.

A construção vem sendo reformada pelo IPHAN e deverá abrigar um museu de arte sacra, que será incluído no percurso, mas atualmente o espaço da igreja é utilizado por mulheres do bairro para a venda de roupas usadas. Há inclusive uma faixa com a inscrição *Brechóping* que é possível ler da rua, fazendo alusão ao tipo de comércio informal instalado ali.

Seguindo mais adiante nos deparamos com um espaço amplo e dois galpões, que ~~também foram construídos para servirem como tulhas para armazenamentos de produtos. naquela época eram chamados de tulhas por servirem ao armazenamento de produtos.~~ Algumas dessas tulhas datam da época da fazenda ~~e serviam quando eram utilizadas para o armazenamento de~~ ~~estocar~~ farinha e açúcar, ~~que eram~~ produzidos com a exploração do trabalho escravo nos engenhos locais e transportados pelos rios da região até alcançar a baía de Guanabara em direção ao porto do Rio de Janeiro.

~~Nossa narradora revela ainda que o grupo que protagoniza o Museu Vivo do São Bento conseguiu recentemente que estas tulhas, que são de propriedade da Prefeitura e que vinham sendo utilizadas para a fabricação de concreto para obras na cidade, fossem oficialmente transferidas para o CRPH. Agora, o grupo pretende transformá-las num centro cultural que eles batizaram de Armazém Cultural, onde pretendem realizar exposições temáticas e eventos artísticos diversos.~~

~~Esse espaço com as tulhas pertence a prefeitura e vem sendo utilizado para a fabricação de artefatos de concreto para obras na cidade, porém já foi~~

~~oficialmente transferido para o CRPH que pretende transformá-lo em uma espécie de centro cultural denominado Armazém Cultural, onde serão realizadas exposições temáticas e eventos artísticos diversos.~~

Logo ao lado, separado apenas por muros altos onde ainda se lê *CENTRO SOCIAL RENASCER*, temos outra antiga tulha, a qual depois de utilizada como posto médico e farmácia do Núcleo Colonial, foi transformada em abrigo para menores. Com o desmonte do abrigo, a construção foi transferida pela prefeitura para a administração dos dois centros que coordenam o projeto de consolidação do primeiro museu de percurso da baixada fluminense, o qual pretende instalar o Museu da História e da Educação de Duque de Caxias, integrado ao espaço do Armazém Cultural.

[Ld1] Comentário: Quais são estes dois centros???

Entre 1939 e 1940, foram construídas 70 residências para abrigar colonos. Ao caminhar pelas ruas podemos ver diversas destas casas, algumas já bem deterioradas pelo tempo, outras em bom estado de conservação, mas a maioria apresentando profundas modificações estruturais que as descaracterizaram os projetos arquitetônicos originais ou ~~deram cederam~~ espaço a novas construções.

Projeta-se para esse instante do percurso, a recuperação de uma dessas casas com a instalação de um pequeno museu capaz de preservar a memória da cultura daqueles colonos imigrantes que ali viveram, trabalharam e constituíram famílias.

A antiga escola dos filhos dos colonos, abandonada, é agora a sede do Centro de Referência Patrimonial e Histórico e do Centro de Memória da Educação. Os formuladores do museu pretendem criar neste espaço ~~terá uma~~ sala multimídia, ~~poema~~ bar e uma sala de exposições.

[Ld2] Comentário: ??????

O momento seguinte da caminhada revela um clube desportivo, o Clube Recreativo São Bento, que teria servido como alojamento de funcionários solteiros do núcleo e que desde o início teve também a função de abrigar atividades de lazer dos colonos. Este espaço abriga hoje, tendo desde sua construção a função destinada ao lazer. O amplo espaço que hoje abriga o maior campo de futebol do bairro, tendo sido ~~foera~~ utilizado em outras ocasiões também para a realização de festas tradicionais e outros encontros.

Seguimos de ônibus até o trecho mais afastado do percurso projetado devido ao fato da equipe não dispor de um horário mais elástico e

despreocupado, propício à flânerie sugerida pela idéia de um museu que atravessa a cidade. Chegamos então a uma zona visivelmente mais suscetível à favelização, onde encontramos alguns poucos terrenos remanescentes de um processo de loteamento e especulação imobiliária irregular, porém bastante ativo naquela localidade.

Dois destes lotes teriam sido adquiridos pelos professores que lutam pela preservação da área, onde foram descobertos restos de uma ocupação humana que viveu naquele espaço, cercado por águas abundantes do complexo sistema hídrico formado pela baía de Guanabara, rios e córregos da região, além de um amplo sistema de lagoas, lagos, lagunas e brejos.

Esses primeiros habitantes, foram mais tarde catalogados como os povos das conchas ou sambaquieiros, devido a à característica predominante de acumularem os rejeitos alimentares e os restos mortais de seus antepassados em pilhas de conchas e ossos. Essas montanhas ricas em cálcio solidificaram-se com o passar de alguns milhares de anos, tendo sido então cobertas pelo substrato de outras eras, como areia das praias trazida pelo vento, matéria orgânica proveniente da decomposição dos restos de plantas e animais mortos. Assim constituíram alterações na paisagem e no relevo de boa parte da costa brasileira, antes mesmo da presença de grupos indígenas com padrões de organização social bem definidos que a arqueologia tem conhecimento, como os tupinambás e os guarani.

Interessante analisar como esse relevo criado pelo homem do passado, na forma de pequenos morrotes de conchas e ossos, vem sendo ocupado pelo homem do presente, para a construção de moradias populares, sob a égide da autoconstrução erigida sobre um terreno de propriedade irregular.

A presença desta marcante rugosidade espacial denota a ausência de adesão preocupação por pde parte da população local aos pelos anseios do projeto de revitalização do bairro através da implementação do museu vivo do São Bento. A sobreposição histórica de sucessivos usos da terra neste caso denota uma ação muito mais pungente em direção a à resolução desordenada e de forma individualizada de questionamentos necessidades individualizados básicas e a à busca de superação de dificuldades de ordem mais prementes e essenciais.

~~de que a luta pela preservação e recuperação da memória.~~

Os barracos, construídos sobre camadas arqueológicas de grande importância para os pesquisadores que entendem essa dimensão ampla da temporalidade, não parecem ter origem na simples ignorância do simbolismo por trás do acúmulo de conchas velhas. É importante que saibamos que esses barracos simbolizam outra luta, não menos importante e digna, uma luta pelo direito a moradia, uma luta por inclusão e pela própria existência.

O instante nos transporta para a reflexão aprofundada sobre questões de grande pertinência nesse estudo, precisamos entender o que move cada ser humano em sua luta particular e ~~como queda que forma~~ o simbolismo por trás das marcas deixadas na paisagem pode influenciar essas volições pessoais em torno do que viemos a conhecer por construção da cultura.

Será que o morador deste espaço empobrecido, ao ter contato com o conhecimento de professores, historiadores ou pesquisadores, que projetam algo diferente para o mesmo espaço onde ele constrói sua moradia, esfera íntima de sua territorialidade, é capaz de sensibilizar-se pela importância da memória social e abrir mão de seus projetos pessoais ~~aderindo ao projeto em nome de outro~~ apresentado por um discurso construído, organizado e sistematizado ~~por um grupo de professores e pesquisadores da região?;~~

Aprendemos então que estamos exatamente vivendo este impasse, no choque de projeções mentais sobre o presente e o futuro do uso daquele espaço. Enquanto os idealizadores do projeto do museu acreditam na transformação daquele monte de fragmentos de uma memória remota em um ambiente de valorização do conhecimento ~~a-~~cerca dos povos do passado, alguns moradores continuam fragmentando suas propriedades e anunciando a venda de lotes, assim como novos moradores continuam construindo outras casas de alvenaria sobre os antigos e degradados sambaquis.

Finalizando a leitura do traçado deste percurso de aprendizagem foi possível ver, de dentro do ônibus que transporta a equipe, uma ocupação fruto de memorável luta pelo direito a moradia. Aqui os moradores estão dispostos em casas que seguem um padrão arquitetônico semelhante daquelas casas que sobem os sambaquis, mas são diferentes pela forma de aquisição da propriedade, originada por um loteamento oficial que forneceu a posse legítima àquelas parcelas de solo próprias para a **construção**.

[Ld3] Comentário: Não entendi muito bem este parágrafo...

Voltamos para o Rio de Janeiro com a sensação de termos nos deparado com um grupo potente, que soube afirmar sua visão contextual do mundo na afirmação da memória de uma localidade marginalizada e que, embora enfrentem grandes entraves, estão cômnicos de seu papel na sociedade e dispostos a continuar firmes nesta empreitada.

7. Rugosidades espaciais

Aqui farei uma breve revisão bibliográfica relacionada com o estudo de caso do museu, visando explicar conceitualmente a idéia de rugosidades, a qual poderia ser resumida como sendo a sobreposição tanto de formas como de usos do espaço, especialmente verificável pela análise da paisagem.

8. Territórios e territorialidades

Este capítulo surgiu de um estudo sobre o conceito de território e ainda está muito genérico, necessitando ser revisto e incrementado, fazendo analogia a estória de luta empreendida pelos atores proponentes do museu.

Possível exclusão de algumas citações desnecessárias

O conceito de território, tema fundamental da geografia, foi utilizado, segundo Claude Raffestin, sem critério, criando sérias distorções que futuramente viriam a ser debatidas e superadas. Uma primeira confusão tem sua origem na utilização do termo para designar-se ou referir-se à Nação ou ao território nacional, constituído de uma forma espacialmente definida e delimitada por suas fronteiras e limites.

“O território surge, na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto em si que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto. (...) No entanto, a fixação da Geografia Política clássica no Estado, conduzindo à percepção do território nacional como o território por excelência, redundou na cristalização do sentimento, implícito nos discursos, de que territórios são entidades que se justapõem contiguamente, mas não se superpõem, uma vez que para cada território nacional só

há um Estado-Nação. Sem dúvida, isto é uma hipersimplificação, imbricada na pobreza conceitual longo tempo imperante. Não apenas o que existe, quase sempre, é uma superposição de diversos territórios, com formas variadas e limites não-coincidentes, como, ainda por cima, podem existir contradições entre as diversas territorialidades, por conta dos atritos e contradições existentes entre os respectivos poderes.” (SOUZA, M. 1995)

Em outro momento, o conceito já carregado de novos significados aparece sucessivamente em confusão com a noção de espaço, o que é de se esperar, tendo em vista que o conceito de território deriva daquele de espaço.

“Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos, podem formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido, ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo.” (SOUZA, 1995)

Todavia não se pode deixar de se considerar as relações de poder construídas e estabelecidas sobre este espaço, capazes de transformá-lo em uma multiplicidade de territórios em que costuma derivar um espaço preenchido por relações de poder entre indivíduos e grupos da espécie humana. Também é bom esclarecer a princípio que, embora a idéia de território esteja intimamente relacionada à concepção biológica, onde é vista como a uma área delimitada sob a posse de um animal ou um grupo de animais da mesma espécie, aqui estaremos centrados na complexidade que a análise do termo sob a ótica da sociedade humana lhe confere, superando uma possível abordagem behaviorista. A propósito, o autor do presente trabalho se propõe a sistematizar e descrever as principais idéias dos termos apresentados desenvolvidas por aqueles que anteriormente se debruçaram sobre a questão, criando uma cadência de sentido que não visa formular uma nova definição para estas palavras, mas costurar as existentes. Entendendo o território como o recorte espacial de relações de poder, torna-se necessária a investigação da palavra ‘poder’.

Paul Claval, em seu livro Espaço e Poder, nos revela que *“poder não é apenas estar em condições de realizar por si mesmo as coisas, é também ser capaz de fazer com que sejam realizadas por outros. Ao império direto sobre o mundo acrescenta-se assim um império sobre os outros”*.

“O poder constrói malhas nas superfícies do sistema territorial para delimitar campos operatórios. Esses sistemas de tessituras, de nós e de redes organizadas

hierarquicamente permitem assegurar o controle sobre aquilo que pode ser distribuído, alocado e/ou possuído. Permitem ainda impor e manter várias ordens. Enfim, permitem realizar a integração e a coesão dos territórios.” (RAFFESTIN, C. 1993)

De acordo com a perspectiva de Claude Raffestin, a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete *“a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens ‘vivem’, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas”.*

A palavra territorialidade abre a possibilidade de interpretações distintas, como mostra Marcelo Lopes de Souza, *“há autores que a vêem como alguma coisa parecida com o comportamento espaço-territorial de um grupo social (p. Ex., RAFFESTIN, 1993; SACK, 1986). A territorialidade remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial”.*

Para Robert Sack, a territorialidade humana é concebida como *“uma estratégia humana para atingir, influenciar e controlar pessoas ou coisas/recursos. O uso da territorialidade depende de quem está influenciando e controlando quem e dos contextos geográficos de lugar , espaço e tempo. A territorialidade está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. A territorialidade deve proporcionar uma classificação por área, uma forma de comunicação por fronteira e uma forma de coação ou controle. Territórios são formas socialmente construídas de relações sociais e seus efeitos dependem de quem controla quem e com que propósitos”.* Sack destaca ainda que nem toda relação de poder envolve necessariamente uma territorialidade, embora se possa afirmar com segurança que toda territorialidade envolve por sua vez uma relação de poder.

“São os instrumentos e os conceitos que significam a territorialidade humana da mesma maneira que as malhas, os nós e as redes são produzidos por sistemas de instrumentos técnicos, econômicos, sociais, culturais e políticos. Essas malhas, nós e redes constituem um sistema territorial através do qual toda sociedade regula seus

recursos pelo espaço para conquistar sua autonomia.” (RAFFESTIN, C. 1989, traduzido do francês)

O discurso da autonomia também é visto como um rompimento com a lógica imperialista, onde existe uma sólida hierarquização das relações de poder, e aparece como uma proposta de horizontalidade que perpassa a idéia de construção de redes de resistência, que se sobrepõem ao conceito clássico de território e territorialidade.

“O processo de constituição de redes remete à necessidade de se construir uma ponte conceitual entre o território em sentido usual (que pressupõe contigüidade espacial) e a rede (onde não há contigüidade espacial: o que há é, em termos abstratos e para efeito de representação gráfica, um conjunto de pontos – nós – conectados entre si por segmentos – arcos – que correspondem aos fluxos que interligam, ‘costuram’ os nós – fluxos de bens, pessoas ou informações –, sendo que os arcos podem ainda indicar elementos infra-estruturais presentes no substrato espacial que viabilizam fisicamente o deslocamento dos fluxos). A esse território em rede ou território-rede propõe o autor chamar de território descontínuo. Trata-se, essa ponte conceitual, ao mesmo tempo de uma ponte entre as escalas ou níveis de análise: o território descontínuo associa-se a um nível de tratamento onde, aparecendo os nós como pontos adimensionais, não se coloca evidentemente a questão de investigar a estrutura interna desses nós, ao passo que, à escala do território contínuo, que é uma superfície e não um ponto, a estrutura espacial interna precisa ser considerada. Ocorre que, como cada nó de um território descontínuo é, concretamente e à luz de outra escala de análise, uma figura bidimensional, um espaço, ele mesmo um território, temos que cada território descontínuo é na realidade, uma rede a articular dois ou mais territórios contínuos.” (SOUZA, M. 1995)

A complexidade dos territórios-rede, recorda a necessidade de se superar uma outra limitação embutida na concepção clássica de território: a exclusividade de um poder em relação a um dado território. O que traz consigo a proposta de uma análise em múltiplas escalas e a partir de diferentes pontos de vista, de modo que nem a evolução das ferramentas cartográficas e dos modelos projetados por computadores nos torna capaz de representar graficamente a verdadeira complexidade de um mosaico territorial. Quando mudamos de escala todas as relações sofrem alterações que podem reconfigurar os territórios e as relações de poder como num grande caleidoscópio.

“O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da

competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos uma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas.” (SANTOS, M. 1996)

A noção fluida de território trazida por Milton Santos incorpora definitivamente a importância da temporalidade para a territorialização de relações de poder no espaço. Mais do que isso, questiona a normatização das ações que se reproduzem no espaço das cidades de todo o mundo, reunidas num processo que se convencionou chamar de globalização ou mundialização.

“Há que refletir sobre o conflito entre, de um lado, o ato de produzir e de viver, função do processo direto da produção e as formas de regulação ligadas às outras instâncias da produção. Por isso, em nosso tempo, renova-se a importância do fator trabalho, condicionado pela configuração técnica do território no campo e na cidade, e que está ligado ao processo imediato da produção e os resultados auferidos desse trabalho, cujo valor é ditado por relações mais distantes. Essa nova geografia do trabalho é um dado importante no entendimento da sociedade atual.” (SANTOS, M. 1996)

Para concluir este trabalho e apresentar uma visão que possa contribuir para os estudos geográficos contemporâneos, resgatando a transdisciplinariedade, venho propor um diálogo com pensadores da psicologia e da filosofia que trabalharam o conceito de território na ótica de suas disciplinas.

“(…) construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. (...) precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte.” (DELEUZE, G. In: HAESBAERT, R. 2001)

“Deleuze, em uma entrevista, comentou a importância do território para os animais, afirmando que todo animal tem “um mundo específico”, desde ambientes muito reduzidos, indispensáveis a sua reprodução, como o “território” dos carrapatos. Este “mundo específico” dos animais não seria extensível ao homem, que “não tem um mundo”, mas “vive a vida de todo mundo”. Trata-se, portanto, de uma primeira distinção entre as duas territorialidades.” (HAESBAERT, R. 2001)

“A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam

segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.” (GUATTARI e ROLNIK, 1986)

Desse modo passamos de uma abordagem macro que via o território como sinônimo de Estado-Nação para uma conceituação mais holística atenta a multiplicidade do ser, que envolve acima de tudo o que já foi citado uma perspectiva humana, motivacional, psicológica e filosófica aos conceitos território e territorialidade(s).

9. Uma estória de empoderamento social e desassujeitamento

Este capítulo será a conclusão onde finalmente será feita uma costura explicativa entre os capítulos mais teóricos e aqueles mais descritivos. Nesta etapa do trabalho analisarei as relações entre as noções de território e territorialidades anteriormente apresentadas e desenvolvidas, relacionando-as com as idéias de rugosidades espaciais e de empoderamento social.

Explicando desse modo como que o desassujeitamento tem a ver com a reterritorialização e como a equipe proponente se torna agente de transformação social ao imprimir novas marcas na paisagem, estruturar-se politicamente como rede de solidariedade social e transmitir o conhecimento adquirido através de suas pesquisas acadêmicas para a sociedade, no âmbito do local.

Marlúcia Santos de Souza Museu Vivo do São Bento

Objetivando a revitalização dos espaços significativos para a História da Baixada Fluminense, o Centro de Referência implementou um projeto de estruturação e dinamização do MUSEU VIVO DO SÃO BENTO. O presente museu de percurso promoverá o desenvolvimento de ações de preservação e de valorização patrimonial do conjunto territorial, arquitetônico, ambiental e arqueológico do São Bento. O eco museu referido é considerado um importante lugar de memória que guarda vestígios da presença de

populações nativas brasileiras como a dos povos das conchas (sambaquis) e os tupinambás. Na região, que hoje constitui o bairro São Bento no segundo distrito do município de Duque de Caxias, também encontram-se referências patrimoniais da ocupação portuguesa na região como a fazenda São Bento de Aguassu e a Igreja N. S. do Rosário erguidas a partir do final do século XVI, assim como edificações relativas ao projeto getulista de assentamento agrícola conhecido como Núcleo Colonial São Bento implantado em 1931. Essas múltiplas temporalidades nos permitem conceber o projeto como um Eco Museu onde a História e a Identidade locais dialogam com as grandes questões nacionais e onde a ação da Educação Patrimonial pode nos permitir discutir cidadania e alteridade cultural.

Antonio Augusto Braz, Fatima Bitencourt David

Projeto Roda de Memórias. História da Educação. Depoimentos em Vídeo

O Centro de Pesquisa, Memória e História da Cidade de Duque de Caxias/Baixada Fluminense ao implementar o Projeto Roda de Memórias. História da educação. Depoimentos em Vídeo busca assegurar a Memória, a História e o registro de importantes experiências no âmbito das Instituições Educativas, da História do Cotidiano, da História Política numa combinação entre o vivido e o concebido (Alberti, 1996). Do ponto de vista metodológico, a entrevista com o depoente oferece uma imediata sensação de com ele reviver o passado, estabelecendo a continuidade com o que não volta mais (Alberti, idem). Essa possibilidade de ligação exerce um fascínio do vivido (Alberti, idibem) ao propiciar a sensação de vivacidade do passado. Entretanto esse fascínio inevitável não nos permite imaginar que "possam existir filmes sem cortes e edições". A construção de um Projeto de História Oral objetiva a centralidade e o compromisso com a pesquisa e o registro dessas importantes experiências, constituindo-se um recurso valioso para uma política de documentação. O projeto tem por eixo a valorização da experiência individual, da memória, do cotidiano, das práticas sociais, ao mesmo tempo em que se realiza um esforço vigoroso na garantia do retorno da noção de sujeito histórico.

8. Referências Bibliográficas

Ainda está um pouco zoneado, faltam citações que preciso organizar.

ARCHELA, Rosely et alli. *O lugar dos mapas mentais na representação do lugar*. In **Geografia**, v. 13, n. 1. Londrina. 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

BIAZUS, Paula. **O olhar passageiro: uma experiência de intervenção urbana e apropriação do espaço público**. Disponível na internet. <http://www.iluminuras.ufrgs.br/artigos/2005-13-olhar-passageiro.pdf>

Acesso em 15 nov. 2008.

EISENSTEIN, Sergei. **Da Revolução à Arte, da Arte à Revolução**. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

FERNANDES, Gonçalo. **A Percepção didática da paisagem. De recurso pedagógico a objectivo educativo. O exemplo das áreas de montanha**. Universidade de Évora. 2002.

LECIONE, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (capítulo 4).

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Livia de. *Percepção da paisagem geográfica: Piaget Gibson e Tuan*. In **Geografia editada pela Associação de Geografia Teórica**, V.1. Rio Claro, SP.: AGETEO, 1976. V.25.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *As figurações de lendas e mitos históricos na construção da Cidade tropical*. In: **Iluminuras, Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais**, número 34. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001. (2)

SANTOS, Milton. **Por uma Nova Geografia**. São Paulo: Editora Hucitec, Universidade de São Paulo, 1978.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia, um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

PESTALOZZI, J.H. **Antologia de Pestalozzi**. Trad. Lorenzo Luzuriaga. Buenos Aires: Losada, 1946.

PROENÇA, A. F. **Como se ensina geographia**. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. v.7

ROUSSEAU, J. J. **Emílio**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Petropolis: Ed. Vozes, 1986.

FERREIRA, Álvaro. **A produção do espaço: entre dominação e apropriação: um olhar sobre os movimentos sociais** In: *Anais do IX Colóquio Internacional de Neocrítica*, UFRGS, 2007.

_____. **A (im)postura do urbano: conflitos na produção da cidade**. In: *I Simpósio Nacional o Rural e o Urbano no Brasil - SINARUB*, 2006, São Paulo. *Anais do I Simpósio Nacional o Rural e o Urbano no Brasil*, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 400 págs., 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, Ed. Loyola, 12ª ed, p. 257-276, 2003.

LEFEBVRE, Henry. **The production of space**. Oxford/Cambridge, Mass.: Blackwell, 1991, Cap. 1 – Plan of the present work; pp. 1-24, orig.: 1974.